



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 38

Eu quero acreditar

Branca Vianna: Oi, eu sou a Branca Vianna e tá começando o Rádio Novelo Apresenta.

Alice no País das Maravilhas – o livro clássico do Lewis Carroll – serve bem pra explicar onde você vai se meter ouvindo esse episódio.

A história do livro começa com uma tarde de tédio. A Alice está sentada do lado da irmã, num bosque, cansada do livro que ela está lendo. E aí, de repente, um coelho vestido com um colete passa por ela, tira um relógio do bolso e diz "ai ai ai, vou chegar atrasado demais".

Intrigada com tudo aquilo – um animal falante, o colete, o relógio de bolso e o atraso – a Alice sai correndo atrás do coelho. E aí ele se mete num buraco.

Quando ele pula pra dentro da toca, ela pula atrás, sem pensar duas vezes. E, principalmente, sem pensar como é que ela vai fazer pra sair dali depois.

Na história que você vai ouvir agora, quem pulou num buraco atrás de uma figura curiosa foi o Vitor Hugo Brandalise. Ele também não pensou duas vezes antes de pular. E nem como ele ia fazer pra sair de lá.

ATO1

Vitor Hugo Brandalise: Em minha defesa, eu fui atraído pra esse buraco de coelho.

Era mais como se o coelho tivesse chegado na Alice e falado: "Ei, eu tô atrasado. Você não quer saber pra quê que eu tô atrasado?"

Vitor Hugo Brandalise: Está gravando aí?

Daniel Cassol: Está gravando.

Vitor Hugo Brandalise: Quem fez isso comigo foi o Daniel Cassol.

Vitor Hugo Brandalise: Show! Beleza, Daniel. Bom, então bom. Obrigado aí que a gente pode conversar hoje, vamos falar. Eu fiquei curioso, então, com a história que você colocou no Twitter. Por que... Por que que você me tagueou lá, me conta aí.

Daniel Cassol: Cara, na verdade eu... Durante quatro anos essa história me acompanhou. Faz quatro anos – mais, cinco anos, que a gente tá meio de cara com isso.

Vitor Hugo Brandalise: Eu já conhecia um pouco do trabalho do Daniel, então antes mesmo de a gente conversar eu fiquei matutando o que será ele tava querendo comigo?

O assunto dele é futebol sul-americano – pra ser mais específico, umas histórias obscuras do futebol sul-americano. Histórias que ninguém mais cobre.

E tinha uma história que estava atormentando ele já tinha anos.

Daniel Cassol: Uma coisa que foi crescendo ao longo do tempo. Talvez, sei lá, exageradamente, assim. Mas o troço foi crescendo e meio que saindo totalmente do controle, essa história.

Vitor Hugo Brandalise: No centro desse mistério, tem uma pessoa.

Daniel Cassol: Ele é um cara diferente ali no nosso meio. Um cara que marcou época, a gente nunca soube quem era. Nunca soube. Não sei quem é. E era uma figura, assim: "Ah, pô, é o Ernesto".

Vitor Hugo Brandalise: Ernesto. Fazia anos que o Daniel estava tentando descobrir quem era esse cara.

Daniel Cassol: "Tá, eu quero saber! Eu preciso saber quem é esse cara".

Vitor Hugo Brandalise: Um dia o Daniel me marcou no Twitter falando desse tal Ernesto, porque ele achou que podia me interessar. Ele já tinha ouvido o Rádio Novelo Apresenta e conhecia o meu trabalho.

E agora ele queria que eu investigasse a vida do Ernesto pra ele.

Ele disse que ia me dar as pistas que ele tinha reunido ao longo desses anos todos.

Mas ninguém entra na toca do coelho à toa, né.

O Ernesto não era qualquer coelho.

O Daniel estava convencido de que ele podia ser uma pessoa famosa. Uma autoridade da República brasileira.

Foi assim que eu pulei pra dentro desse buraco.

Vitor Hugo Brandalise: Muito bom. Eu achei que ia ser divertido. Beleza, então.

Daniel Cassol: Te dou notícias, então.

Vitor Hugo Brandalise: E foi. Eu juro que foi divertido.

Vitor Hugo Brandalise: Vamos nessa!

Vitor Hugo Brandalise: Mas naquela altura eu ainda não tinha ideia do tamanho daquele buraco.

Mas vamos começar do começo. Primeiro, eu preciso contar quem é o Daniel.

Daniel Cassol: Eu sou jornalista, né. Eu sou de Porto Alegre, mas eu moro em Criciúma há sete anos.

Vitor Hugo Brandalise: Toda essa história tá ligada ao lugar onde o Daniel publicava os casos dele de futebol.

Eu tô falando do ano de 2005.

Daniel Cassol: A tendência da época eram os blogs temáticos, de literatura, política, esportes, viagens, culinária, enfim.

Vitor Hugo Brandalise: O Daniel tocou um desses blogs – de futebol, no caso – junto com outros jornalistas gaúchos. E esse blog ficou muito conhecido na época.

Hoje em dia ele já não existe mais, mas muita gente lembra dele até hoje.

O nome era Impedimento.

Daniel Cassol: E aí então nasceu o Impedimento, numa outra coisa que era uma tendência na época, que eram os condomínios de blog.

Vitor Hugo Brandalise: O Impedimento fazia parte de uma outra internet, uma internet que não existe mais – sem redes sociais, sem Instagram, Tik Tok, Twitter, sem Facebook.

Acho que a maior diferença é que nesse tempo as pessoas tinham que ir atrás do conteúdo que elas queriam. Tinha um quê de caça ao tesouro.

Daniel Cassol: Antigamente os blogs – eles ocupavam o lugar das redes sociais.

Vitor Hugo Brandalise: E as redes sociais inverteram essa lógica: hoje o conteúdo chega até você, de tudo que é lado. Mas, naquela época, era assim: os blogs eram a praça pública da internet.

Daniel Cassol: Ocupavam muito esse espaço de sociabilidade, principalmente porque as pessoas se juntavam através de interesses comuns.

Vitor Hugo Brandalise: E a conversa entre quem tava ali, dividindo os mesmos interesses, acontecia nas caixas de comentários.

Daniel Cassol: Então, a caixa de comentários dos blogs era um espaço de socialização. E nesse crescimento do Impedimento vai se formando uma rede de amigos, uma rede de pessoas que se conhecem virtualmente com uma perspectiva assim, digamos, mais progressista com relação ao futebol. E essa comunidade de leitores, ela foi crescendo.

Vitor Hugo Brandalise: Cresceu tanto que essa comunidade deixou de ser só virtual.

Daniel Cassol: A gente chegou a fazer um campeonato de futebol que durou mais de dez edições, tinha uma edição semestral, vinha gente do Brasil inteiro jogar futebol, e não só jogar, se conhecer, beber, enfim, confraternizar. Era a gente transpondo para o mundo offline essa comunidade que se criou a partir da caixa de comentários.

Vitor Hugo Brandalise: O blog não é atualizado mais faz tempo, mas uma parte considerável dos posts tá lá até hoje – com as caixas de comentário também, preservadas. Dá pra ver como era o papo – tem post com 300 comentários, 500 comentários...

Daniel Cassol: Essa caixa de comentários era uma coisa muito peculiar. Tu gastava uma energia tremenda pra escrever um texto, uma reportagem, uma crônica, e as pessoas ignoravam o texto e passavam a comentar os outros comentários, né.

Vitor Hugo Brandalise: Tinha o Impedimento. E tinha a caixa de comentários do Impedimento. Foi uma parte do site que criou quase que uma vida própria.

Daniel Cassol: Começou a se criar então as figuras, as pessoas que eram conhecidas também como comentaristas do Impedimento, tanto personagens, pessoas reais que colocavam o seu nome ali, quanto alguns pseudônimos, hoje em dia se chamariam fakes. E essas pessoas foram ficando conhecidas.

Vitor Hugo Brandalise: Como toda praça pública que se preze, a caixa de comentários do Impedimento tinha as suas "celebridades locais".

Daniel Cassol: Foram nove anos de blog, 2005 a 2014.

Vitor Hugo Brandalise: Por mais que essa comunidade fosse já "nativa digital", e o grosso das trocas acontecesse ali, na caixa de comentários... rolavam alguns encontros presenciais, tipo aquele campeonato de futebol, tinha gente que vinha de outros estados pra participar... e mesmo quem não vinha, o pessoal conhecia de foto, dos blogs particulares, depois vieram as redes sociais e um foi adicionando o outro... enfim, eram pessoas de carne e osso.

Quase todo mundo era assim. Quase.

Daniel Cassol: Uma pessoa, dessas todas, a gente até hoje não sabe quem é. E era um dos comentaristas mais, mais presentes, polêmicos e conhecidos. Quem conheceu o Impedimento vai lembrar dele.

Vitor Hugo Brandalise: Você já imagina quem, né.

Daniel Cassol: E essa pessoa era o Ernesto.

Vitor Hugo Brandalise: Como ele nunca apareceu na vida real, o único jeito de descobrir quem era o Ernesto era seguindo as pistas que ele deixou no mundo virtual. No caso, os comentários dele.

Foi olhando pra essas pistas que o Daniel começou a pensar que talvez ele soubesse quem era o Ernesto.

Daniel Cassol: O Ernesto, ele era um cara torcedor do Internacional.

Vitor Hugo Brandalise: O Internacional de Porto Alegre – o Inter, o Colorado do Beira-Rio.

Em 2005, quando o Impedimento estava no ar, o Colorado tava bem na fita.

Daniel Cassol: 2005, ano em que o Inter está ali, o Internacional tá, quase conquista o Campeonato Brasileiro e é solenemente roubado pela CBF lá naquele escândalo da arbitragem.

Vitor Hugo Brandalise: Esse escândalo ficou conhecido como a “Máfia do Apito”, um esquema de manipulação de resultados que foi descoberto e vários jogos foram anulados – num arranjo que acabou prejudicando o Inter.

Daniel Cassol: Enfim, os jogos são refeitos e o Corinthians acaba sendo campeão. Em 2006, o Inter vem então a conquistar a Libertadores da América e o Mundial. Então, é um ano meio de ouro pra torcida do Inter. Daí tu pega todo um caldo...

Vitor Hugo Brandalise: Era bom demais torcer pro Inter.

Som de arquivo - Inter campeão mundial: Vamos chegando a 48. O mundo vai ficando cada vez mais vermelho. O mundo vai ficando vermelho de vez. Alô torcida colorada, prepare o grito. Alô torcedor brasileiro, prepare o grito. Ele diz que acaba com 48. Bateu Clemer. Acabooooo! Acabou. Cadê o Parcão? Mostre a imagem de Porto Alegre. Faça a festa, torcedor colorado. O mundo é seu e o mundo é

vermelho. Quero ouvir o hino do Inter: Glória do desporto nacional, Ó Internacional...

Vitor Hugo Brandalise: Só tinha um torcedor que nunca estava feliz...

Lucas Cavalheiro: O Ernesto...

Vitor Hugo Brandalise: E todos os comentaristas do blog que eu procurei agora, quase 20 anos depois, lembravam dele de um mesmo jeito:

Lucas Cavalheiro: Ele era um chato que estava sempre reclamando.

Serramalte: O Ernesto na minha memória era um colorado chato (risos)

Lila: Nada nunca tava bom, nada nunca servia... o Inter ganhando o Mundial e ele "Grünf [resmungando], podia ter ganhado aos dois minutos". E, sabe, era sempre assim.

Vitor Hugo Brandalise: Chato, ranzinza... polêmico.

Lucas Nedel: Ele era justamente o arrasa quarteirão, comentário arrasa quarteirão, tanto é que todo mundo lembra até hoje dele, né?

Daniel Cassol: Ele tinha umas opiniões meio duras com alguns temas, escorregava volta e meia em alguns preconceitos. Batia boca muito com os redatores do Impedimento.

Vitor Hugo Brandalise: Uhum. Mas e como é que ele era, assim? Me fala mais do Ernesto.

Daniel Cassol: Pela conversa, ele não era um cara jovem. Também não era velho, mas talvez ali regulasse uns 40 anos, talvez, porque era um cara que fazia referências a coisas do Inter ali dos anos 70 e 80. Demonstrava lembrar e ter vivenciado esse período.

Vitor Hugo Brandalise: Um cara com seus 30 e muitos, 40 anos, naqueles meados dos anos 2000. Então hoje, 2023, ele ia ter os seus 50 e tantos, 60 anos.

Daniel Cassol: Ele demonstrava algum interesse ou transitar por temas internacionais, de geopolítica. Tinha referências históricas, histórias de outros países, política internacional. Ele parecia dominar esses temas.

Vitor Hugo Brandalise: Eu estava anotando tudo: dominava história, geopolítica, temas internacionais, meio nacionalista... não parecia ser nem de esquerda, nem de direita.

Daniel Cassol: Foi um cara que ao longo do tempo foi ficando mais radicalizado em opiniões políticas. Mais conservadoras. Ficando mais raivoso nas opiniões quando o assunto era política.

Vitor Hugo Brandalise: Por nove anos, esse era o Ernesto que os leitores do Impedimento acompanharam e com quem eles interagem. O acervo de comentários de seis desses nove anos se perdeu, não dá mais pra pesquisar.

Então, o que eu consegui acessar foram três anos de comentários. E, nesses três anos, foram 3.197 comentários do Ernesto – esse número ficou na minha cabeça porque eu li todos esses 3.197 comentários do Ernesto. 3.197.

Eu queria muito descobrir quem era esse Ernesto.

Daniel Cassol: Muito bem, 2014, Impedimento acaba, todo mundo toca sua vida, a gente continua amigo de muitos leitores do Impedimento, via redes sociais ou mesmo presencialmente. E esse Ernesto, que era um cara que marcou época, a gente nunca soube quem era. Nunca soube.

Vitor Hugo Brandalise: O tempo passou, o Impedimento ficou na memória de quem era leitor do blog e vida que segue.

Até 2018. Novembro de 2018.

Daniel Cassol: Desgraçadamente, o Brasil acaba de eleger o Bolsonaro presidente do Brasil e aí ele começa a anunciar o seu gabinete, os seus ministros. E um dos ministros, o ministro das Relações Exteriores, né.

Vitor Hugo Brandalise: Um cara que era um completo desconhecido. Um diplomata de segundo escalão que – e aí o pessoal logo deu um Google – tinha um blog, chamado Metapolítica.

Daniel Cassol: Ernesto Araújo. Para mim passou batido, na hora. Eu lembro que passou batido: Ernesto Araújo, beleza. Só que, um daqueles dias lá...

Vitor Hugo Brandalise: O dia 15 de novembro de 2018.

Daniel Cassol: O Juca Kfourri publica uma nota no seu blog dizendo “Olha, o novo chanceler do Brasil era comentarista do blog”. E aí...

Vitor Hugo Brandalise: E aí, pro Daniel, tudo se encaixou.

O Juca Kfourri, um jornalista esportivo respeitado e dono de um blog de futebol no UOL, fez um post mostrando como o novo chanceler era leitor e fazia comentários no blog dele.

O texto do Juca era assim: “O gaúcho Ernesto Henrique Fraga Araújo, de 51 anos, diplomata há 29 anos, é torcedor do Internacional e será o novo ministro das Relações Exteriores. Leitor do blog, em 2005 se manifestou irado num comentário aqui reproduzido”.

E o post segue com o comentário do Ernesto Araújo lááá de 2005, em que ele dizia que o Inter teria sido roubado no Campeonato Brasileiro daquele ano.

Ele tava reclamando do escândalo da arbitragem. Aquele, que tirou o Inter da liderança do campeonato.

E o Juca sabia que esse comentário era do Ernesto Araújo mesmo porque ele tinha deixado o email pessoal dele.

No Blog do Juca – diferente do Impedimento – era obrigatório colocar o email pra conseguir comentar. Foi esse texto do Juca Kfourri que levou o Daniel pra dentro da toca do coelho.

Ele bateu o olho no nome, na postura conspiracionista, no estilo rebuscado, nessa coisa de citar fatos históricos e mostrar um conhecimento enciclopédico do futebol, o gosto por temas internacionais... além, é claro, do fato de ele ser...

Daniel Cassol: De ele ser gaúcho, colorado,

Vitor Hugo Brandalise: A idade bater...

Daniel Cassol: A idade bater e ter se radicalizado...

Vitor Hugo Brandalise: O fato de que...

Daniel Cassol: Esse fato que é meio interessante: ele é um cara que nunca apareceu

Vitor Hugo Brandalise: E, claro, ter um perfil que encaixava bem na linha geral daquele governo...

Daniel Cassol: Aquele meme de que o Brasil estava sendo governado por comentaristas de portal estava sendo real, né? Um cara que era um comentarista de portal tinha se tornado ministro das Relações Exteriores do Brasil.

Vitor Hugo Brandalise: Só tinha uma conclusão possível.

Daniel Cassol: Pô, é o mesmo Ernesto. O Ernesto, o nosso Ernesto, foi chanceler do Brasil no governo Bolsonaro.

Vitor Hugo Brandalise: Isso na cabeça do Daniel e dos outros caras do Impedimento.

Daniel Cassol: Na nossa cabeça, era ele, tá. Era ele. Mas até hoje não se comprovou.

Vitor Hugo Brandalise: O Daniel chegou a contar pra mais gente o que estava na cabeça deles. Ele escreveu um fio no Twitter, que viralizou – e a teoria deles ficou conhecida. Até o pessoal do Xadrez Verbal, um podcast que é referência pra quem curte política internacional, passou a chamar o chanceler de “Ernesto do Impedimento”.

Quando a gente conversou, o Daniel tava muito seguro do que ele tava me falando.

Daniel Cassol: Mas é isso. E eu acredito. Eu acredito que seja ele.

Vitor Hugo Brandalise: E eu senti firmeza também.

Vitor Hugo Brandalise: Eu acredito que seja ele, né? Daniel Tu acha que é ele, também? Vamos acreditar.

Daniel Cassol: Vitor. Vamos acreditar.

Vitor Hugo Brandalise: "Vamos acreditar." Lá fui eu atrás do coelho.

Primeiro, porque eu estava mesmo disposto a acreditar no Daniel. Eu queria ajudar ele a ir até o fim nessa história – ir com ele até o fundo da toca desse coelho.

E também porque eu estava encafifado com essa ideia de que o Ernesto Araújo, um ex-chanceler, tinha sido um comentarista chato, insuportável, de um blog de futebol. Tinha escrito mais de 3 mil comentários em 3 anos. Uma média de pouco mais de dois comentários por dia.

Era um bom acervo pra pesquisa – uma oportunidade de mostrar um outro lado dessa figura pública que foi relevante nesses anos turbulentos da política externa brasileira, em que a gente andou pra trás. Vai que alguma coisa já tava indicada naqueles comentários?

Eu só tinha um problema: acho que já deu pra notar que eu tava ficando envolvido demais. Eu lia cinquenta, cem, cento e vinte comentários, e eu só ficava pensando nisso. Estava em queda livre – e bem devagarinho, que nem a Alice – pra dentro da caixa de comentários do Impedimento.

Então eu fui atrás de um alguém que eu sabia que ia poder me situar na toca desse coelho. Era uma ajuda especializada.

Bárbara Rubira: Oi.

Vitor Hugo Brandalise: E aí, Babi, tudo bem?

Vitor Hugo Brandalise: Eu fui falar com a Bárbara Rubira, produtora aqui na Novelo e uma grande fã de Arquivo X, uma série de ficção científica dos anos 90.

Bárbara Rubira: Eu já vi tudo. Eu já vi tudo mais de uma vez.

Vitor Hugo Brandalise: Quem já fez alguma reunião virtual com a Bárbara talvez tenha notado, atrás dela, um cartaz na parede.

Vitor Hugo Brandalise: A imagem conhecida que diz

Bárbara Rubira: "I want to believe", eu quero acreditar.

Vitor Hugo Brandalise: E da onde vem essa ideia de "eu quero acreditar", na série, como é que isso aparece?

Bárbara Rubira: Os arquivos X, no caso, os X Files, eles são essencialmente, são arquivos do FBI, né, a série é centrada em agentes do FBI. São arquivos que não foram resolvidos, tipo casos que foram

considerados insolúveis. E por isso recebem essa marcação X. E aí o que acontece na série é que literalmente, no porão, literalmente no porão do prédio do FBI, tem o escritório do agente Fox Mulder, que é um cara que era um cara brilhante na academia, todo mundo falava “Pô, ele vai ser um puta agente”, só que ele é um cara muito obcecado. Ele é o personagem principal da série. Na infância dele, quando ele tinha uns 11, 12 anos, a irmã mais nova dele foi abduzida. E ele estava presente. E aí isso cria essa obsessão nele por coisas sobrenaturais e coisas não terrenas, digamos. E aí, quando ele entra de fato no FBI e se transforma num agente do FBI ele meio que vai contra todo o potencial que ele tinha, digamos, de se tornar um grande agente, para ir investigar esses casos que ninguém quer investigar, que são os Arquivos X, que são coisas bizarras, esquisitas, que ninguém sabe. E ele é um cara que acredita muito em tudo.

Então, o pôster que eu tenho em casa do “I Want to Believe” é um pôster que ele tem no escritório. E aí o enredo da série, essencialmente ele se desenvolve a partir de quando, no primeiro episódio, o Mulder recebe uma parceira pela primeira vez, que é a agente Scully, que é uma médica, uma cientista. E aí eles essencialmente colocam a Scully para que ela possa duvidar de tudo. Só que aí, enfim, o negócio, eles acabam virando parceiros de verdade. Mas em todas as temporadas a dinâmica é que o Mulder acredita em tudo e a Scully não acredita em nada. A dinâmica toda é essa.

Vitor Hugo Brandalise: Eu queria que a Bárbara me ajudasse a equilibrar o meu lado Mulder com o meu lado Scully nessa investigação.

Bárbara Rubira: Eu acho que o Arquivo X pode te ensinar [risos] o que Arquivo X pode ensinar a um jornalista: que Arquivo X se baseia muito na dinâmica entre Mulder e Scully. Acho que o Mulder acreditaria nisso até o final, então ele faria de tudo para provar que é. Ele quer acreditar. E a Scully duvidaria de cada passo. Então, acho que precisa desse balanço, assim.

Vitor Hugo Brandalise: Como uma boa parceira de investigação, a Bárbara foi logo reparando num detalhe que tinha me passado batido na história do Daniel.

Vitor Hugo Brandalise: Então o Ernesto Araújo publicou esse post no blog Juca Kfourri, dizendo que existe claramente um complô para ajudar o Corinthians.

Bárbara Rubira: Grupos internacionais...

Vitor Hugo Brandalise: É, era um post conspiratório, assim...

Bárbara Rubira: E como é que o Juca Kfourri conseguiu... lembrou disso 13 anos depois?

Vitor Hugo Brandalise: Lembrando que o comentário do Araújo no blog do Juca foi feito em 2005. E ele foi nomeado chanceler só em 2018.

Vitor Hugo Brandalise: Essa é uma boa pergunta. Essa é uma boa pergunta, ele lembrou... ele não explica isso no post.

Bárbara Rubira: É, esquisito ele lembrar. Como é que ele achou isso? Tipo, ele anotou que essa pessoa tinha falado isso, porque não é um comentário notável, digamos, né? O Ernesto Araújo não deve ser o único maluco falando que uma conspiração queria derrubar o Internacional.

Vitor Hugo Brandalise: Exato...

Juca Kfourri: Oi, Vitor.

Vitor Hugo Brandalise: Oi, Juca. Tudo bem?

Vitor Hugo Brandalise: Ninguém melhor pra me responder isso do que o próprio Juca Kfourri.

Vitor Hugo Brandalise: Você mostrou em 2018 que o recém anunciado chanceler tinha feito um comentário no blog do Juca em 2005, 13 anos antes, e você mostrava que era o mesmo Ernesto Araújo. Então a minha pergunta inicial é: como é que você descobriu isso?

Juca Kfourri: Então, eu... Desde que você conversou comigo a respeito, que eu procuro na minha mais funda memória, me lembrar de como é que eu descobri isso. E a única explicação que eu acho, Vitor, é que alguém me avisou. Algum leitor do blog disse: "Olha, o novo ministro é leitor do seu blog e comenta no seu blog", porque eu não teria como, certamente eu não guardaria esse nome, um nome tão comum, Ernesto Araújo, né? Quem me deu... Eu estou supondo. Quem me deu a informação me disse que ele era um comentarista habitual, que ele era maluco pelo Inter.

Vitor Hugo Brandalise: Hmmmm, então "alguém" avisou, algum outro comentarista do blog dele deu um toque.

Vitor Hugo Brandalise: Juca, deixa eu te contar por que que eu estou nessa também. Você conhece um pessoal de um site de futebol chamado Impedimento? Lembra desse site?

Juca Kfourri: Sim.

Vitor Hugo Brandalise: Então o pessoal do site Impedimento também tem um comentarista Ernesto. Eu contei pro Juca da teoria do Daniel, que a essa altura já tinha virado a minha teoria também...

Vitor Hugo Brandalise: E ficou, enfim, virou meio folclórico, porque muito presente. Virou um personagem, rabugento, ranzinza... Colorado. E nunca, nunca foi esse cara que apareceu fora da arena virtual. Você acha que tem chance de ser a mesma pessoa?

Juca Kfourri: Muito. Pelo que você está me contando, muito, muito. Ô Vitor, essas coisas, elas acontecem demais, né? E aquilo que o Nelson

Rodrigues dizia: sem sorte você não chupa nem um picolé, não chupa um Chicabon.

Vitor Hugo Brandalise: Um pouco de onde tem fumaça tem fogo, também, né?

Juca Kfour: É isso, é isso. Agora tô eu curioso. Já que você vai atrás dele, vá você. Se não iria eu. Depois me conte.

Vitor Hugo Brandalise: Eu fui, né. Voltei pro lugar onde eu tava morando nesse tempo: a caixa de comentários do Impedimento.

Vitor Hugo Brandalise: E encontrei um comentário que me deixou especialmente feliz.

Vitor Hugo Brandalise: O Ernesto, comentarista, ele diz que vai a Montevideú, ele anuncia lá: "eu tô indo pra Montevideú no fim da semana que vem". O Ernesto ia estar em Montevideú na semana do dia 27 de agosto de 2009.

Bárbara Rubira: Eu estou rindo porque eu já sei onde isso vai dar.

Vitor Hugo Brandalise: Eu estava feliz porque aquele dia, 27 de agosto de 2009, não era um dia qualquer. Naquele dia teve a inauguração de um escritório do BNDES, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, em Montevideú – o primeiro escritório do banco de fomento fora do Brasil.

Bárbara Rubira: Hmm.

Vitor Hugo Brandalise: Montevideú é meio que a capital do Mercosul. Então faria sentido uma pessoa interessada no Mercosul estar lá. Como era o Ernesto Araújo.

Ele tinha sido por anos o responsável no Itamaraty pela negociação da tarifa comum do Mercosul.

Vitor Hugo Brandalise: Você sabe, você sabe no que vai dar?

Bárbara Rubira: Eu tô imaginando.

Vitor Hugo Brandalise: O Ernesto-comentarista-do-Impedimento comentou que ia estar em Montevideu no dia da inauguração do escritório do BNDES em Montevideu – sendo que economia do Mercosul sempre foi assunto de interesse do Ernesto futuro-ex-chanceler.

Ele não estava falando nada disso no comentário, ele tava só perguntando se tinha algum jogo de futebol pra ver à noite.

Vitor Hugo Brandalise: O jogo do River do Uruguai, contra o Blooming da Bolívia. E ele teve lá nesse dia.

Bárbara Rubira: Você precisa saber se Ernesto Araújo tem álibi para o dia 27 de agosto de 2009, no caso, essencialmente.

Vitor Hugo Brandalise: Estava anotado, pra quando eu fosse falar com o Ernesto Araújo. Quer dizer, pra quando ele respondesse o meu pedido de entrevista.

Eu já tinha pedido pra falar com ele, mas até ali... nada.

Nessa altura da minha profunda investigação sobre o Ernesto, eu já tinha descoberto, falando com o Daniel, que a teoria do Ernesto Araújo comentarista de futebol tinha rolado por um bom tempo nas rodinhas dos jornalistas de Brasília.

E mais de um repórter tinha se prontificado a um dia perguntar pro Araújo como era esse tempo de comentarista na internet.

Eu falei com um desses repórteres, um cara que anunciou publicamente que ia perguntar. Ele me pediu pra não colocar o nome dele aqui no podcast.

Eu quis saber se ele tinha mesmo perguntado – mas ele me disse que não, e que era impossível por causa do que ele chamou de uma “formalidade tosca” do Araújo, que mantinha a imprensa à distância.

Essa conversa com esse jornalista não me deu a resposta que eu estava esperando, mas me deu mais uma pista. Ele falou sobre como o Ernesto Araújo é um cara reservado, que fica nervoso diante dos jornalistas e que é super formal.

Eu lembrei dessa coisa da formalidade numa sexta-feira à noite, enquanto eu estava preso na caixa de comentários do Impedimento.

Eu estava lendo uma discussão do Ernesto com um outro comentarista – uma coisa divertida, os dois implicando cordialmente um com o outro – até que eu vi um comentário em que o Ernesto tentava ofender o cara com uma coisa muito específica.

Ele escreveu que não esperaria nada diferente "de um patife que casa de All Star". Um patife que casa de All Star. Como é que é? Eu li e reli: “patife que casa de All Star”.

A essa altura, eu já tinha lido mais de 1.200 comentários do Ernesto. A imensa maioria eram comentários sobre a rodada, sempre com uma veia corneteira.

Nada que me fizesse entender melhor a psique dele. Nada que revelasse a identidade dele. Mas agora finalmente aparecia uma coisa concreta pra eu trabalhar.

Se ele falou que esse outro cara casou de All Star, ele deve ter ido no casamento.

E o nome do sujeito que o Ernesto xingou estava lá, completo: Paulo Sanchotene.

Bárbara Rubira: Paulo Sanchotene. Nem sei porque eu ri, é que já veio uma imagem na minha cabeça. Tá, sim, claro, Paulo Sanchotene.

Vitor Hugo Brandalise: Aqui de novo a Bárbara Rubira, que nessa altura já tinha encarnado a agente Scully.

Vitor Hugo Brandalise: E aí você vai procurar nas redes sociais do Sanchotene. No Facebook... Ele fez pelo menos um encontro com o Olavo de Carvalho. O Sanchotene.

Bárbara Rubira: Uau.

Vitor Hugo Brandalise: Sim.

Vitor Hugo Brandalise: Estava lá, no álbum de fotos do Sanchotene: um grupo de jovens posando, uma churrasqueira no fundo... e em primeiro plano o Olavo de Carvalho, de camisa social azul e um cardigan bege.

Pra quem não lembra, o Olavo era um herói do Ernesto Araújo. O “grande responsável pelas imensas transformações que o Brasil” estava vivendo, como ele disse no discurso de posse no Itamaraty.

E agora um amigo do Ernesto da caixa de comentários é – também – próximo do Olavo.

Bárbara Rubira: Hmmm.

Vitor Hugo Brandalise: Só que ele sumiu, desapareceu. E aí, desde então, faz umas duas semanas, eu estou tentando marcar com ele, faz mais, faz uns 20 dias.

Vitor Hugo Brandalise: Eu escrevi pro Sanchotene no mesmo dia que eu achei ele. E ele me respondeu três minutos depois dizendo que não lembrava de Ernesto nenhum. Quando eu contei um pouco do perfil do Ernesto, o Sanchotene sumiu.

Bárbara Rubira: Mas enfim, por ele dizer que não se lembra a princípio, assim talvez não tenha rolado interações tão memoráveis depois de anos.

Vitor Hugo Brandalise: Não sei, cara, eu já estou com a sensação de que ele está mentindo para mim. Tipo (risos).

Bárbara Rubira: Hm.

Vitor Hugo Brandalise: Ele sumiu, desapareceu. O que aconteceu nesse meio do caminho, será que eles conversaram e não, não vão abrir o jogo?

Bárbara Rubira: Ou talvez ele tenha só fechado a aba do Facebook. Existe essa possibilidade.

Vitor Hugo Brandalise: Pois é, você vê, agora você está sendo a Scully e eu tô sendo o Mulder aqui, claramente.

Vitor Hugo Brandalise: O meu "lado Scully" já tinha desmoronado. Se é que ele existiu em algum momento. Eu tinha terceirizado ele pra Bárbara.

Vitor Hugo Brandalise: Olha, de lá pra cá eu já li mais de 1.500 comentários do Ernesto no no na caixa de mensagens, na caixa de comentários do Impedimento. Tô nessa. Buscando elementos aqui.

Bárbara Rubira: Pá! Você leu 1.500 comentários mesmo? Você está sonhando com o Ernesto Araújo, no caso?

Vitor Hugo Brandalise: Sim, pô, sonhei duas vezes.

Bárbara Rubira: Imaginei.

Vitor Hugo Brandalise: Sonhei.

Bárbara Rubira: (Risos).

Vitor Hugo Brandalise: Sonhei que eu tinha uma pista perfeita pro dia seguinte descobrir o Ernesto, pra matar a charada que é mesmo o Ernesto Araújo. E aí depois acordei pensando que pista é essa.

Vitor Hugo Brandalise: Acho que dava pra sacar que essa história não tava fazendo bem pra mim.

Eu tinha certeza de que o Sanchotene desapareceu porque ele não queria revelar a identidade do Ernesto. Só podia ser isso.

Sanchotene: Che, é verdade, eu vi, respondi teu email, depois eu vi que veio o email de novo. Aí deixei pra olhar depois e nunca mais olhei. Tá? Mas dá uns minutos aí que eu já olho. Eu tô na rua agora.

Vitor Hugo Brandalise: Parece que ele estava só com dificuldade de agenda mesmo.

Sanchotene: Alô.

Vitor Hugo Brandalise: Alô, Sanchotene!

Sanchotene: Oi, sou eu mesmo. E aí, Vitor, tudo bem?

Vitor Hugo Brandalise: Eu estava meio nervoso porque o Sanchotene tinha me dado aquele chá de cadeira, então eu fui direto ao ponto.

Vitor Hugo Brandalise: Lendo os comentários vários do Ernesto que eu andei pegando aqui, vocês tinham muitas interações, então. Até eu te lembrei de uma, quando ele disse que você casou de All Star, que você era um patife que casou de All Star. Daí me chamou um pouco a atenção. Mas então, você é casado, você casou, você fez um casamento?

Sanchotene: Eu casei, eu caso em 2008. O meu filho nasce em 2009.

Vitor Hugo Brandalise: Quando você casou, lá em 2008, você casou com uma roupa qual? Normal de casamento? Como é que você estava vestido?

Sanchotene: De sapato, eu casei de... Eu casei com terno completo, com colete. E sapato. Tipo, e eu jamais casaria de All Star (risos).

Vitor Hugo Brandalise: Depois ele me mandou uma foto dele no casório, e era isso mesmo. Sapato.

Sanchotene: Olha, o meu irmão casou na praia de pé descalço. Mas eu imagino que ele seria capaz de casar de All Star, se ele tivesse que casar. Mas o meu irmão é oito anos mais novo do que eu, entendeste.

Vitor Hugo Brandalise: Outro perfil.

Sanchotene: Eu sou mais... Eu sou de uma geração diferente da dele, jamais conseguiria, eu não conseguiria casar de All Star. Eu não faço ideia de quem ele estava pensando quando ele comentou isso aí. Não era, não era eu.

Vitor Hugo Brandalise: Pra mim, parecia uma coisa meio cordial entre amigos, assim, sabe, que estavam se pegando no pé ali. Então eu te pergunto: você conhece ele?

Sanchotene: Não, não conheço.

Vitor Hugo Brandalise: O Sanchotene tinha uma teoria para aquela acusação do Ernesto.

Sanchotene: A gente ali naquele ambiente franco, então você falava um monte de asneira, entendeu. Até essa de falar que o outro que tivesse casado de All Star. Mas eu acho que o Ernesto era daqueles casos assim, o que é um pouco comum, que eu acho que a gente não concordava com absolutamente coisa alguma. Então a gente vivia se bicando porque um dizia A, o outro dizia B.

Vitor Hugo Brandalise: Eu achei isso engraçado, porque na minha cabeça eles estavam do mesmo lado – o dos admiradores do Olavo de Carvalho. Bom, essa foi a minha deixa.

Vitor Hugo Brandalise: Eu vi uma foto tua num encontro até com o Olavo de Carvalho, né? Que encontro foi aquele?

Sanchotene: Aquele encontro foi em 2004, tá. Eu fiz parte do Instituto Liberal do Rio Grande do Sul.

Vitor Hugo Brandalise: Ah, uma das filiais do Instituto Liberal, que se dedica a estudar e difundir a obra de economistas de direita que acabam virando heróis da extrema-direita. O Ernesto Araújo também estava sempre nesses institutos.

Sanchotene: Eu era bem ativo e alguém resolveu convidar o Olavo para fazer um curso e tal, umas palestras. Aquela era a foto do pessoal do grupo num churrasco com o Olavo.

Vitor Hugo Brandalise: Você acha que pode ser alguém que goste do Olavo de Carvalho, o Ernesto?

Sanchotene: Che, eu não me lembro do posicionamento político dele. Eu estou confiando por ti, assim.

Vitor Hugo Brandalise: A essa altura, eu já tinha sacado que ele não sabia da hipótese sobre o Ernesto.

Vitor Hugo Brandalise: Ô Sanchotene, você conhece a teoria de que o Ernesto é uma pessoa conhecida no Brasil, uma autoridade. Você conhece essa teoria?

Sanchotene: Não. Mas nada, nada no Impedimento me surpreenderia.

Vitor Hugo Brandalise: A teoria é que o Ernesto seria o Ernesto Araújo (risos), o ex-ministro das Relações Exteriores, o ex-chanceler do governo Bolsonaro.

Vitor Hugo Brandalise: O Sanchotene ficou fascinado.

Sanchotene: Bah. Aaah... Olha, não é absurdo, tá.

Vitor Hugo Brandalise: Foi aí que ele me fez uma confidência.

Sanchotene: Então, assim, eu não estou tão distante do Ernesto Araújo. Inclusive, por um azar, eu não vou conseguir estar num evento em Buenos Aires agora, que vai acontecer entre 1 e 3 de junho, em que o Ernesto estará, senão eu já perguntaria para ele, tipo, daqui a uma semana, sobre isso...

Vitor Hugo Brandalise: Pô!

Vitor Hugo Brandalise: Como é que é? O Sanchotene ia encontrar com o Ernesto Araújo?

Ele me explicou que tinha a ver com uma coluna que ele escreve pra Esmeril, uma revista mensal conservadora. Ele tinha sido convidado pra representar a revista num fórum de direita em Buenos Aires.

Vitor Hugo Brandalise: Você acha que alguém pode perguntar, você acha que alguém pode fazer essa pergunta pra ele?

Ele não ia poder ir, mas de repente alguém da turma dele encaixava essa pergunta pra mim.

Sanchotene: Posso ver, tipo, não, no mínimo... Posso mandar pra dentro da área e vamos ver, né, vai que alguém põe pra dentro, né?

Vitor Hugo Brandalise: Sim, pô, valeu, muito obrigado!

Sanchotene: O único risco, o único risco é sair o gol, né.

Vitor Hugo Brandalise: A gente ficou de voltar a se falar.

Vitor Hugo Brandalise: Tá bom, Sanchotene, depois você me fala.

Sanchotene: Tá certo. Um abraço.

Vitor Hugo Brandalise: Um abraço, tchau, tchau.

Vitor Hugo Brandalise: Eu liguei pra um cara pra perguntar se ele casou de All Star e, apesar de não ter casado de All Star, ele virou uma peça fundamental da minha investigação. Eu estava feliz e me sentindo sortudo...

Juca Kfourri: Sem sorte, você não chupa um Chicabon.

Vitor Hugo Brandalise: E, enquanto eu esperava o Sanchotene voltar com alguma novidade, alguma bola pra dentro da área, eu fiquei fazendo a única coisa que eu podia fazer: ler mais comentários do Ernesto.

E, se tinha uma coisa que me chamava muito a atenção nos comentários dele era o fato de que ele era uma pessoa muito do contra. Quando o Inter completou 100 anos, em 2008, ia ter uma grande festa, pro centenário.

O time estava numa fase boa, 100 anos só se completa uma vez... Mas o Ernesto não se conformava – pra ele, não devia nem ter festa, todos os esforços tinham que estar dentro de campo. Era tipo aquele jogador que faz o gol e nem comemora, pega a bola debaixo do braço e coloca ela de volta no centro do campo.

Nessa época, tinha gente querendo que ele se lançasse pra algum cargo na diretoria do clube, numa eleição que estava por vir. E era só ele sumir um pouquinho dos comentários, tipo uns dois três dias sem falar nada, que alguém questionava: cadê o Ernesto?

Serramalte: Ah, aquilo lá era uma época fantástica.

Vitor Hugo Brandalise: Imagina um grupo grande de pessoas – algumas milhares, eu vou arriscar aqui – todas falando sobre uma pessoa só. O Ernesto tinha essa capacidade de ser o centro das atenções num ambiente grande, diverso e cheio de concorrentes.

No fim, era um cara que ficou marcado na cabeça de tanta gente com quem eu conversei, que ele acabou ficando na minha também.

Serramalte: Ernesto era chato, mas olhando para trás era, era engraçado, era saudável.

Vitor Hugo Brandalise: Esse que a gente tá ouvindo é um comentarista que assinava como “Serramalte” – ele pediu pra eu manter o nome dele assim.

O Serramalte acha que ninguém esquece do Ernesto até hoje porque ele era um cara que entendeu como usar aquela internet – e a internet que ia vir depois.

Serramalte: Ele destoava da galera dali porque ele sempre procurava o conflito. A gente tentava desescalar e ele escalava de volta. Ele era o único que a gente não conseguia, que ninguém conseguia acalmar nunca ali, entendeu. A gente discutia, todo mundo discutia com todo mundo, só que sempre acabava numa boa. E com ele nunca acabava numa boa.

Vitor Hugo Brandalise: E então ele nomeou: pra ele, o Ernesto era um hater.

Serramalte: Só que como não alimentavam o troll, ali, não deixava crescer muito, justamente. Eu acho que os chatos tendem a se achar mais fácil nesses ambientes. E ali ele não achava nenhum chato pra ajudar ele. Se tivesse mais gente que se alinhasse com ele ali, talvez aquilo ficasse insuportável. Como a maioria dos lugares da internet acabaram ficando depois, né. Então, os loucos se achando, né, aí amplia a voz deles. Acho que é um exemplo bem bom do que estava por vir.

Vitor Hugo Brandalise: Fazia sentido. Um cara que ficou super popular porque entendeu uma dinâmica que ainda estava começando, e com a qual nem todo mundo tinha as ferramentas pra lidar.

Foi justamente nesse tempo que o próprio termo “hater” se popularizou na internet: uma pessoa que busca o conflito e persegue quem pensa diferente.

A minha conversa com o Serramalte estava indo bem, até eu começar a citar os indícios de que o Ernesto do Impedimento e o Ernesto Araújo eram a mesma pessoa.

Eu comentei sobre as pistas que o Daniel me deu, e ele foi questionando uma por uma. Eu dizia porque achava que a pista fazia sentido, e ele me dava uma outra explicação, ele fez isso várias vezes.

Serramalte: Acho que pode ser, mas acho que não. Existe uma possibilidade, mas acho que é improvável. Tu vê toda hora isso, o pessoal adora, o viés de confirmação é muito forte. Mas na internet a gente tem que ter cuidado com essas coisas. Por isso até que eu evito.

Vitor Hugo Brandalise: O palpite dele é que a teoria até era plausível, mas que foi induzida, criada pra confirmar uma hipótese inicial.

Depois dessa conversa com o Serramalte, eu fiquei pensativo, tentando recuperar meu lado Scully...

Até que chegou uma mensagem do Sanchotene.

Era um arquivo de áudio no WhatsApp. Encaminhado.

Ernesto Araújo: Alô, Paulo! Queria dizer apenas que é um prazer falar contigo e dizer que infelizmente não era eu esse Ernesto colorado aí que postava as coisas no site Impedimento. Sou colorado, sempre acompanhei alguns sites, mas esse eu não acompanhava especificamente, não. Bom, um abraço.

Vitor Hugo Brandalise: O áudio era do Ernesto Araújo, o Ernesto ex-chanceler, dizendo que ele não era o nosso Ernesto, Ernesto comentarista-do-Impedimento.

Quando eu liguei pra Bárbara pra dar a notícia, eu estava meio inconformado.

Bárbara Rubira: Quando essa investigação foi encomendada, eu imagino que a encomenda foi esperando uma resposta positiva no fim das contas.

Vitor Hugo Brandalise: Foi. Eles consideravam que podia não ser. Eles acreditam, eles ainda acreditam porque eu não falei pra eles.

Bárbara Rubira: É uma esperança, né? Mas é isso, né. Trabalhamos com fatos e infelizmente não é sempre que dá para se ter o que quer.

Vitor Hugo Brandalise: Mas Babi, o meu lado Mulder também falou comigo. O Ernesto Araújo negou. Ele negou, mas será que não era?

Vitor Hugo Brandalise: Quer dizer... o Ernesto negou que era o comentarista. Mas... será que ele não era mesmo?

Bárbara Rubira: Duvidar sempre. Duvidar sempre.

Vitor Hugo Brandalise: E se o Ernesto Araújo tivesse mentindo? Não é como se os bolsonaristas fossem grandes entusiastas dos fatos, né?

Mas antes que a Bárbara entrasse em desespero comigo, eu voltei pras minhas notas. E deu pra perceber que eu podia ajudar na checagem dessa declaração do Araújo.

Pra checar isso, eu fui olhar com mais atenção pro lado Scully da minha apuração.

E, depois de ouvir essa mensagem de voz do Ernesto Araújo, eu comecei a olhar com outros olhos pras informações que eu tinha coletado. Agora, as evidências negativas estavam pesando mais na balança.

Tipo o fato de o Ernesto comentarista parecer ser um torcedor que ia muito ao Beira-Rio, ver os jogos no estádio – mesmo num tempo em que o diplomata estava servindo em Brasília, ou até fora do Brasil.

Como eu também não tinha conseguido comprovar que o Araújo não viajava com frequência pra Porto Alegre, a princípio eu botei essa informação na caixinha de “inconclusivas”. Mas agora ela ganhou relevância.

Bárbara Rubira: Vou largar a embaixada pra ir na final do Gauchão? Acho que não rola, né.

Vitor Hugo Brandalise: Ele citava também que assistia muito a TVCom, que é uma TV local que pega só em Porto Alegre.

Bárbara Rubira: É, imagino que eles não tenham sinal internacional.

Vitor Hugo Brandalise: Não tem, só pega na região metropolitana de Porto Alegre mesmo. E tinha ainda a questão do pai do Ernesto.

Vitor Hugo Brandalise: Porque o Ernesto Araújo, o pai dele morreu em 96, quando tinha 73 anos, 96. E o Ernesto comentarista comenta de ter ido no jogo com o pai na semana passada...

Bárbara Rubira: Aaaah...

Vitor Hugo Brandalise: De o pai ter emprestado a carteirinha de sócio para ele e por isso a família não pôde ir junto. Isso, em 2008, o Ernesto Araújo não seria dependente do pai dele com 40 e poucos anos...

Bárbara Rubira: Eu acho que essas são evidências bastante fortes e que pregam contra.

Vitor Hugo Brandalise: Agente Bárbara Scully.

Bárbara Rubira: São coisas concretas que dá para a gente checar, no caso, eu acho que isso pesa bem contra.

Vitor Hugo Brandalise: Eu também estava convencido de que, dessa vez, o Araújo estava falando a verdade. Não era ele.

Mas então restava uma questão. Se o Ernesto Araújo não era o Ernesto...

Quem era, então?

Vitor Hugo Brandalise: Opa, Daniel, bom dia! Então, tô voltando hoje para te falar do resultado da minha apuração.

Daniel Cassol: E aí, me conte.

Vitor Hugo Brandalise: Eu botei o áudio do Ernesto Araújo pro Daniel Cassol ouvir.

Ernesto Araújo: Não era eu esse Ernesto Colorado que postava no site Impedimento. Tá bom? Um abraço.

Daniel Cassol: Senti uma certa sinceridade nele. Me frustrei.

Vitor Hugo Brandalise: Dá pra perceber as etapas da aceitação do Daniel.

Daniel Cassol: Não sei por que ele negaria. Talvez porque ali, naquele ambiente, ele era meio motivo de chacota pelos leitores. E o cara é diplomata. Talvez seja motivo de vergonha admitir que passava as tardes de horário comercial comentando sobre o Inter. Mas, se ele está dizendo. Mas eu sempre pensei nisso, que se um dia ele fosse confrontado, um dos motivos seria esse, porque é meio vergonhoso para um cara que foi chanceler, e mesmo na época ele era um diplomata de carreira... admitir que ficava um bom pedaço do meu dia

comentando num site de futebol. Mas não sei. Se o cara está falando, não tem porque, enfim...

Vitor Hugo Brandalise: O Daniel resistiu um pouco, mas eu falei das evidências negativas, e ele deu o braço a torcer.

Daniel Cassol: Agora eu quero saber se tu vai atrás do Ernesto verdadeiro.

Bárbara Rubira: Tem sonhado, ainda?

Vitor Hugo Brandalise: Enquanto não tem Ernesto verdadeiro, tem dúvida, né? I want to believe. Todo mundo quer acreditar.

Bárbara Rubira: Eu adoraria que você conseguisse achar o Ernesto verdadeiro. Eu adoraria que isso acontecesse.

Vitor Hugo Brandalise: Uhum.

Bárbara Rubira: Enfim, e eu acho que não existe prova mais definitiva do que essa, no caso, você encontrar outra pessoa. Mas é uma agulha no palheiro também, né. Nada garante que você vai encontrar.

Vitor Hugo Brandalise: A Bárbara tentou me ajudar.

Bárbara Rubira: No Rio Grande do Sul, segundo o IBGE, temos 3047 Ernestos no Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre temos 284 Ernestos.

Vitor Hugo Brandalise: Não são muitos.

Vitor Hugo Brandalise: Pra quem tinha lido 3197 comentários, falar com 284 Ernestos parecia fácil. Então eu comecei pelo Ernesto Campos, que mora no bairro de brincadeira, eu não estava tão maluco assim.

Eu voltei pro lugar pra onde eu sempre voltava quando sentia que o rastro do Ernesto estava se apagando.

Os comentários.

E, finalmente, eu peguei um deslize do verdadeiro Ernesto.

Lembra dos campeonatos de futebol que o Impedimento organizava? Eram as chamadas “ImpedCopas”.

Quando o pessoal estava organizando a edição de 2009, alguém perguntou se o Ernesto ia jogar.

Ele respondeu o seguinte: “Me inscreverei, com meu nome verdadeiro”.

Quando eu li aquilo eu quase caí pra trás. “Com meu nome verdadeiro”.

O Ernesto nem mesmo se chamava Ernesto!

Bárbara Rubira: Aaaaaah....

Vitor Hugo Brandalise: Isso é um problema.

Bárbara Rubira: Ernesto não é o nome dele.

Vitor Hugo Brandalise: Pode não ser o nome dele.

Bárbara Rubira: É um pseudônimo.

Vitor Hugo Brandalise: Pode ser qualquer nome.

Vitor Hugo Brandalise: Isso era um problema – mas também uma sorte porque ele deu uma pista importante. Ele pode ter ido naquela ImpedCopa.

Agora, tudo ia ter que ser rápido.

Bárbara Rubira: Os caras do Impedimento têm os inscritos na ImpedCopa?

Vitor Hugo Brandalise: Exato. Exatamente isso.

Vitor Hugo Brandalise: Pode nem se chamar Ernesto, Daniel.

Daniel Cassol: Pode ser. Agora só falta ter um conhecido nosso rindo até hoje e as pessoas achando que ele é o Ernesto Araújo. O que é bem provável, o que bem provável que seja (risos). Algum amigo da época, fazendo galhofa até hoje.

Vitor Hugo Brandalise: Eu acho que precisa tentar uma arqueologia para mim, ver se alguém levanta a lista de inscritos naquela ImpedCopa.

Daniel Cassol: É, não sei. Em algum momento tinha em e-mail. A gente tinha um e-mail, que eu não sei se... Nessa época o esquema era mais arcaico, por ter sido a primeira. Mas vamos, vamos verificar.

Vitor Hugo Brandalise: Quinze minutos depois, o Daniel me escreveu de volta com um link.

Era o post da cobertura que o site fez daquela ImpedCopa. Tinha as fotos de todos times em que eles se dividiram, as fotos de todos os jogadores – e tinha os nomes de todos os jogadores.

Nenhum deles se chamava Ernesto.

O Daniel me disse que ele conhecia todas aquelas pessoas. Menos duas.

Juca Kfourri: Sem sorte, você não chupa um Chicabon.

Vitor Hugo Brandalise: Uma dessas pessoas tinha um nome muito comum. A outra, nem tanto.

Eu bati o olho na foto desse cara que tinha um nome não tão comum e pensei imediatamente, juro: é ele. Só pode ser ele.

E não fui só eu que pensei assim.

Vitor Hugo Brandalise: Procura lá pelo nome que eu te falei e vê a cara dele.

Bárbara Rubira: Ai, que nervosa. Achei. Ah, pronto.

Vitor Hugo Brandalise: Você não acha?

Bárbara Rubira: Nossa, sim.

Vitor Hugo Brandalise: Não tem muita cara?

Bárbara Rubira: Sim! Nossa, sim.

Vitor Hugo Brandalise: Estava tudo se encaixando. E não foi difícil encontrar ele – lembra que não era um nome tão comum, né?

Eu achei um cara que se encaixava em outras pistas que eu tinha descoberto quando eu parei pra olhar pra detalhes que eu tinha deixado passar.

Eu também sabia, agora, que o cara que a gente estava procurando trabalhava na área jurídica. E esse cara, com esse nome nada comum, era advogado em Porto Alegre.

Com escritório próprio e um site bem completo – em que aparecia, inclusive, um reluzente número de celular.

Pronto. Tinha chegado a hora.

É claro que eu primeiro escrevi pra ele no WhatsApp e – pra mim – teve algum suspense, mas dessa eu vou te poupar.

Vitor Hugo Brandalise: Vamos lá.

Vitor Hugo Brandalise: Eu estava esperando por esse momento – sonhando com esse momento – há meses. Eu ia falar com o "Ernesto".

Ernesto: Alô!

Vitor Hugo Brandalise: Alô, XXXX?

Ernesto: Ele, tudo bom?

Vitor Hugo Brandalise: Opa, XXXX, tudo bem, tá me escutando bem?
Me ouve?

Vitor Hugo Brandalise: Ele topou falar comigo, mas pediu que eu não colocasse o nome verdadeiro dele. Ele queria continuar desconhecido.

Então aqui a gente vai continuar se referindo a ele como... Ernesto.

Vitor Hugo Brandalise: Você está com que idade hoje? Eu queria entender que década que você era...

Ernesto: É, eu era dos anos 90. Eu nasci em 86, eu estou com 36 agora.

Vitor Hugo Brandalise: Ele era um torcedor que viveu a adolescência nos anos 90. Quando o Inter tava mal das pernas.

É uma boa explicação pra entender o perfil implicante dele – o Ernesto tava sempre desconfiado de que a bonança ia acabar. Por isso, ele tinha sempre um pé atrás.

Ele também tinha uma teoria de por que parecia "mais velho": é que ele ouvia muita rádio, mesas-redondas de futebol, e copiava descaradamente o estilo. Ele citou os nomes dos principais ídolos radiofônicos dele naquele tempo... Todos já tinham seus 60, 70 anos na época.

Ernesto: Eu tinha muito essa questão de ser uma vertente corneteira do Inter. E aí, tipo, eu até entrava em conflito ali com alguns dos outros ali, enquanto Ernesto, com os caras, porque realmente o time estava vencendo, né, o clube estava vencendo. Só que dava pra ver que a longo prazo era um plano ali que não ia sustentar muito, baseado em vender jogador e depende desse dinheiro e contratava as contratações meio questionáveis, mas era mais nessa linha, assim, tipo.

Vitor Hugo Brandalise: O que eu achei curioso foi que, hoje, duas décadas depois, ele diz que quem questionava ele na época ia ter que admitir que ele tinha razão.

Praticamente um “vão ter que me engolir” retroativo.

Só que, por exemplo, uma coisa que eu nunca... o Impedimento acabou antes do Inter ser rebaixado. E eu não consegui comentar lá, que seria a minha desforra, assim. E eu não comentei, entretanto.

Vitor Hugo Brandalise: Não tem mais a caixa do Impedimento, então fica registrado aqui esse comentário do Ernesto.

Ele diz que tinha razão em reclamar tanto e em criticar até a festa dos 100 anos do Inter, viu.

O Inter caiu.

Viu, ele diz que tava certo. Pronto, tá comentado.

E eu quis saber se ele tinha acompanhado o desenrolar da teoria de que ele, a persona dele no Impedimento, seria o Ernesto Araújo.

Ele não tinha Twitter, mas um amigo mostrou. Primeiro, ele achou graça.

Ernesto: Achei engraçadíssimo porque dava para ver que com certeza ele não era, porque a loucura dele é diferente mas, enfim, pelo folclore

era mais legal que fosse ele mesmo, eu entendo também porque eu não conhecia aquela história do Juca, ali. Daí que eu fui descobrir que ele era colorado fanático, inclusive, o Araújo, né.

Vitor Hugo Brandalise: Depois, o Ernesto ficou meio ofendido?

Ernesto: Tem alguns comentários lá que é complicado. Dá margem pra pensar que era aquele maluco lá, né, meu? Só que, tô completamente afastado do espectro daquele doente lá do Araújo.

Vitor Hugo Brandalise: Então, isso que eu ia dizer, assim, não sei, a gente está conversando pela primeira vez, você não gostava desse governo, então, né, do governo Bolsonaro. Não era um governo que você apreciava.

Ernesto: Não, jamais, tá loco, bah.

Vitor Hugo Brandalise: O Ernesto comentarista, na verdade, tá bem longe do espectro político do Araújo.

Ernesto: Não fiz mais campanha porque não sou um cara vinculado a partido, mas muito bolo eu puxei nessa última, principalmente, mais do que em 2018, até. Porque 18 fui lá e votei, entendeu? No Haddad, como sempre, votei no PT, mas dava para ver que não ia ganhar assim porque estava uma onda diferente. Mas agora nessa última aí tava pau a pau, tinha que se manifestar, daí eu puxei muito bolo aí na internet, ali nas minhas próprias redes sociais, uns caras que tu, porra, tu não fala há seis, sete anos, aí o cara vem, vem querer te questionar "Ah porque o Lula não sei o que". Daí fiz algumas inimizades nesse último ano, ali, com certeza. Foi por causa da eleição.

Vitor Hugo Brandalise: É isso aí: o Ernesto do Impedimento, então, é petista.

Ernesto: Mas valeu a pena, mas perderam, já era, vão chorar na cama.

Vitor Hugo Brandalise: E corneteiro. Eu também queria saber por que, afinal, ele nunca tinha aparecido, mesmo depois de nove anos interagindo com o pessoal do site.

Ernesto: No Impedimento era fácil, porque tu está trabalhando aqui, tu abre uma aba ali, vai, comenta como o Ernesto pra não te incomodar... Ninguém se conhecia pessoalmente, esse que é o ponto, que era legal do Impedimento.

Vitor Hugo Brandalise: Pro Ernesto, o legal daquela comunidade virtual é que ela era só virtual.

Mas e por que não mencionar nem agora, que ele foi descoberto?

Ernesto: Eu acho que não teria problema, na real, mas já passou tanto tempo, seria mais pelo folclore mesmo. Mas é melhor deixar, até pelo que tu disse aí do personagem. Deixa na cabeça, na imaginação de cada um.

Vitor Hugo Brandalise: O fato de você ter ficado, o Ernesto ter ficado para eles. O que você acha disso? Por que você ficou?

Ernesto: Então ali acho que ele foi. E o Ernesto, no caso eu, contestava, né, botava ali os comentários, criticando, cornetando.

Vitor Hugo Brandalise: Saquei, você ficava em cima, você era meio que uma patrulha e os caras não esquecem.

Ernesto: É, exatamente, esse é o termo, é patrulha. Por isso que eu digo que não é hater, entendeu, porque o hater acho que vai para coisas pessoais, tipo assim, faz ameaças, eu não tinha vínculo pessoal nenhum com eles, fui naquela ImpedCopa lá pra jogar mesmo, e porque eu gostava da vibe deles sobre futebol, mas ao mesmo tempo também fazia a patrulha, exatamente, que era algo mais, talvez, teórico, mas é isso, acho que essa palavra define bem. Era o cara que

ficava patrulhando, era o corneteiro que patrulhava, talvez por isso eu tenha marcado.

Vitor Hugo Brandalise: A gente conversou um tempo sobre o Inter, sobre eleição, sobre internet... Ele me contou que deixou de ser um torcedor fanático e praticamente não vai mais ver jogos no estádio – nem ele e nem o pai dele... mas ainda tinha uma coisa que eu precisava muito saber.

Vitor Hugo Brandalise: Por que Ernesto?

Vitor Hugo Brandalise: Agora, quando você começou a comentar por que você escolheu o nome Ernesto? Qual foi a fagulha da inspiração, por que escolheu Ernesto?

Ernesto: Cara, na verdade, acho que tinha um pouco da vertente esquerdista ali do Che, né. Também, justamente, era o contrário do Araújo (risos).

Vitor Hugo Brandalise: Que engraçado, cara.

Vitor Hugo Brandalise: Che Guevara. Ernesto... Che Guevara.

Ernesto: Era do viés, assim, de incendiar, revolucionar.

Vitor Hugo Brandalise: Tá certo, Ernesto. Che.

Vitor Hugo Brandalise: Agora sim, finalmente, eu estava me sentindo pronto pra sair do buraco desse coelho. Eu tinha só uma última coisa pra perguntar pra ele.

Vitor Hugo Brandalise: Você, depois que terminou o Impedimento, você comenta como Ernesto em algum outro lugar? Esse nick está vivo em algum outro fórum, ou você parou de usar?

Ernesto: Bah, parei de usar, cara. Nunca mais usei, pra te falar. Não... Eu nunca mais usei. Era ali mesmo. Porque ali também, aquilo, exatamente, depois acabou assim, caixa de comentário, assim, eu nunca mais entrei, assim. Eu não entrava naqueles outros lá, tipo, eu entrava só ali no Impedimento.

Vitor Hugo Brandalise: O impedimento, ele acabou em 2014, então, quando acabou, você sentiu falta do site? Como foi para você?

Ernesto: Cara, foi, pois é, foi... Até foi bom porque sabe quando... eu nunca fumo, eu não sou fumante, mas eu vejo, assim, as pessoas que são, querem largar, mas não conseguem. Era uma coisa meio automática de tu entrar ali e ver e comentar. Aí nah, então tá, melhor, não preciso comentar, não tem mais, não vou comentar. Não teve muita situação assim de lamentos, até porque eu já estava numa outra fase, já não estava sendo tão Ernesto como antes.

Vitor Hugo Brandalise: O Ernesto, que agora eu podia até chamar de Ernesto Che... O comentarista de blog que eu encontrei depois de meses de investigação estava me dizendo que ele já tinha conseguido largar o Ernesto pra trás.

Agora, eu ia poder fazer isso também.

Branca Vianna: Esse foi o Vitor Hugo Brandalise, produtor-sênior da Rádio Novelo.

Agora, como posfácio dessa epopeia, o segundo ato traz uma pequena fábula sobre o que acontece quando a gente escolhe acreditar. Quem conta essa é a Bia Guimarães.

ATO 2

Bia Guimarães: Numa noite qualquer de 2006, o Vito Gucciardi saiu da casa dele, em São Paulo, pra ir num caixa eletrônico ali por perto. Nessa época ele tinha 71 anos.

Marta Gucciardi: Ele estava indo tirar um dinheirinho...

Bia Guimarães: O Vito já morreu, então quem me contou essa história foi a filha dele, a Marta Gucciardi.

Marta Gucciardi: Acho que ele ia tirar dinheiro para comprar cigarro, essas coisas.

Bia Guimarães: Ele chegou no caixa eletrônico e sacou uns 10 ou 20 reais. E aí, ele aproveitou a viagem pra pegar um extrato da conta. Normal. Só que quando a máquina cuspiu o papelzinho e o Vito bateu o olho no saldo, veio o susto. Ele ficou em choque. A mão começou a tremer, a cara ficou pálida. A única coisa que ele conseguiu pensar foi em voltar pra casa e ligar correndo pra Marta.

Marta Gucciardi: "Filha, vem aqui. Eu preciso falar uma coisa com você." E eu, tipo: "pai, fala, eu estou com as crianças aqui". "Não, não dá para falar por telefone."

Bia Guimarães: A Marta ficou preocupada, largou o que estava fazendo e foi pra lá. E quando ela chegou na casa do pai, ele tava com o extrato do banco na mão, ainda tremendo.

Eu acho que todos os dias, milhões de pessoas devem entrar em choque olhando pro saldo da própria conta bancária. Tem gente que gasta além da conta sem perceber, tem gente que passa raiva porque não recebeu um pagamento que era pra ter chegado... e tem os casos ainda piores, de quando a pessoa percebe que levou um golpe e perdeu tudo o que tinha.

Mas o que aconteceu com o Vito foi totalmente o contrário. Uma quantidade gigantesca de dinheiro tinha aparecido na conta dele. Não centenas, nem milhares, nem centenas de milhares, nem milhões de reais... mas bilhões.

Marta Gucciardi: Tinha 11 bilhões de reais, 11 bilhões e um trocado.

Bia Guimarães: 11 bilhões e um "trocado", que, no caso, eram mais uns 600 milhões de reais. Naqueles tempos, ali na metade dos anos 2000, a gente não era tão acostumado a tirar foto de tudo. Por isso a Marta não tem registro daquele papelzinho. Mas ela lembra que era tanto dígito que eles ocupavam duas linhas. Era uma quantidade de dinheiro que eles nunca tinham nem sonhado em ver na frente.

Marta Gucciardi: E a gente delirou, né?

Bia Guimarães: Como você pode ter desconfiado pelo nome, o Vito era italiano. Na época da juventude, ele adorava o Pelé e era encantado pela Martha Rocha – a Miss Brasil que diziam que não tinha virado Miss Universo por causa das "duas polegadas a mais" de quadril. Então ele decidiu subir num navio e vir conhecer a terra deles – do Pelé e da Martha Rocha.

E sabe aquela história meio estereotipada do gringo que vem pro Brasil e é assaltado? Bom, foi basicamente isso que aconteceu quando o Vito desembarcou por aqui.

Marta Gucciardi: E levaram tudo, levaram documentos, dinheiro, levaram tudo.

Bia Guimarães: Isso não impediu o Vito de ficar. Ele arrumou uns bicos, depois conheceu a mãe da Marta, teve a filha e trabalhou instalando telefones em cidadezinhas distantes, que faziam festa quando ele chegava – festa e macarrão, pra agradar o italiano.

Marta Gucciardi: Ele era uma figura muito querida, mas duro. A pessoa que nunca se preocupou com a vida.

Bia Guimarães: A jornada do Vito no Brasil já começou no vermelho, com o susto daquele assalto. Mas mesmo com o passar do tempo e com a vida mais ou menos estabilizada, não é que passavam grandes quantias de dinheiro pelo bolso dele. Pelo contrário, ele estava acostumado a pegar o extrato do banco e ver o saldo negativo, ou com algum valor pequeno disponível. Coisa de dois, três dígitos e olhe lá. E agora ele tava ali, com um papelzinho na mão dizendo que ele tinha mais de 11 bilhões de reais na conta. Entre um pico e outro de euforia, ele e a Marta pensavam em possíveis explicações.

Marta Gucciardi: "Pai, você tem algum parente muito rico na Itália?"

Bia Guimarães: Será que era uma herança que chegou sem aviso?

Marta Gucciardi: Meu avô era da Marinha Mercante. Será que ele tinha alguma riqueza? A gente entrou em todas as paranóias e as viagens assim, né?

Bia Guimarães: Parecia improvável, mas é o famoso "vai que". Nisso, o marido da Marta, que é da área financeira e já tinha trabalhado em banco, veio com uma hipótese.

Marta Gucciardi: Ele falou: "Seu Vito, foi um engano, certamente...", ele matou na hora, né? "Certamente devem ter depositado o fechamento do dia na sua conta".

Bia Guimarães: Devia ter rolado um erro maluco em alguma transação do banco e aquela bolada foi parar na conta do Vito totalmente por acaso e sem querer.

Até que fazia sentido, né? Mais sentido do que a possibilidade de uma herança misteriosa ter atravessado o Atlântico e ter chegado sem aviso nenhum. Mas essa hipótese foi imediatamente chutada pra um canto da sala. Não tinha lugar pra ela no mundo onde a Marta e o pai dela já estavam vivendo.

Marta Gucciardi: A gente abriu um vinho...

Bia Guimarães: Um mundo onde eles eram bilionários.

Marta Gucciardi: A gente já estava comprando mansão, entendeu? Um castelo na Sicília... A gente já tava, meu, viajando o mundo inteiro, compramos iate, compramos avião. "Não, porque a gente vai ter um avião só nosso"...

Bia Guimarães: O Vito e a Marta ficaram um tempão ali, deixando a imaginação correr sem limites e traçando planos mirabolantes – que, por mais mirabolantes que fossem, só iam fazer cosquinha naqueles mais de 11 bilhões de reais.

Marta Gucciardi: E eu me lembro claramente do meu pai falar: "Nós somos mais ricos do que a Elizabeth".

Bia Guimarães: Naquele momento eles eram, mesmo, mais ricos que a então rainha da Inglaterra, que tinha "só" uns 500 milhões de dólares de fortuna pessoal.

Marta Gucciardi: Tem um lado nosso que sabe que isso não é verdade, né Bia? Entendeu? É um engano, é óbvio que é um engano. Mas a gente quer viver nesse engano, né? A gente quer curtir esse engano e quer aproveitar porque, pô, quem pode dizer que viveu um engano de 11 bilhões?

Bia Guimarães: Sabendo, no fundo, que aquilo provavelmente tinha sido um engano do banco – mas, ao mesmo tempo, escolhendo mergulhar de cabeça nessa fantasia –, a Marta e o pai dela combinaram de ir na agência no dia seguinte.

Marta Gucciardi: Eu fui dormir rica, ele também. Meu marido não, mas eu fui dormir bilionária, né?

Bia Guimarães: Só que aí, de manhã, o Vito acabou indo sem a filha, não conseguiu esperar.

Ele pegou o extrato da conta e, dessa vez, o papelzinho trouxe uma notícia amarga.

Marta Gucciardi: E já não tinha mais o valor na conta. E aí foi falar com o gerente, o gerente pediu desculpa. "Ah, desculpa, seu Vito. Foi um engano do banco, né?"

Bia Guimarães: Ele ligou pra Marta e os dois lamentaram aquilo que eles sabiam que provavelmente ia acontecer, mas que tinham escolhido não acreditar.

Marta Gucciardi: E, pô, será que não dá pra nada, né? Porque o banco, né, vamos pensar em, sei lá, mover uma ação contra.

Bia Guimarães: Por ter iludido vocês, né?

Marta Gucciardi: Exato. Meu pai podia ter infartado, afinal de contas...

Bia Guimarães: Eu dei uma olhada na internet e vi que já aconteceram casos parecidos com outras pessoas, inclusive aqui no Brasil. Gente que recebeu depósitos milionários ou bilionários por algum erro do próprio banco. Um dos casos que eu vi aconteceu com um cobrador de ônibus da cidade de Luziânia, em Goiás. 15 bilhões de reais caíram na conta dele, do nada. Só que, no caso dele, a conta ficou bloqueada por uns dias, deu um trabalhinho pra resolver a situação.

Depois do estresse todo, ele processou o banco por danos morais. E conseguiu receber uma reparação de... Mil reais. Imagina receber mil reais de consolação depois de ter passado alguns dias com 15 bilhões na conta? Acho que eu preferia não ganhar nada, ia ser menos humilhante.

Aliás, eu acho que se um engano desse tipo acontecesse comigo, na hora que eu visse o dinheiro no extrato eu ia ficar completamente desesperada. Ia pensar que me enfiaram em algum esquema de corrupção sem eu saber. Já ia me imaginar atrás das grades ou tentando me explicar numa matéria de

TV: "eu juro que não sabia de nada, não é nada disso que vocês tão pensando".

Mas o Vito, não. Ele escolhia ver o lado bom das coisas. Era muito mais gostoso deixar a mente viajar sem limites durante aquelas poucas horas entre o primeiro e o segundo susto no caixa eletrônico – ou entre o susto bom e o susto ruim.

Marta Gucciardi: E ele era essa pessoa que vivia mesmo nesse mundo imaginário, né? Então ele achava que todas as mulheres se apaixonavam por ele... Ele tinha um sonho de construir uma grande central telefônica... Ele criava o mundo dele, sabe? Então, ele vivia nesse mundo e a gente tinha que ir entrando.

Bia Guimarães: Um pouco dessa fantasia, e dessa sede de acreditar na melhor versão possível que uma história pode ter, ele deixou de herança pra Marta.

Marta Gucciardi: Eu dificilmente jogo, por exemplo, na loteria. Mas quando eu jogo, eu sinceramente acredito que eu vou ganhar, entendeu? E eu fico realmente desapontada quando eu não ganho porque, assim, meus filhos riem e tudo, mas eu falo: "Cara, eu joguei pra ganhar. Eu não joguei para jogar, eu joguei porque eu tenho certeza". Então, quando eu jogo, eu gosto muito de demorar para ver o resultado. Porque, enquanto isso, eu estou rica, né? Você sabe que a última vez que eu joguei eram 15 milhões o prêmio, e eu fiquei pensando: "Eu não devia ter jogado porque faço o que com 15 milhões?"

Bia Guimarães: (Risos)

Bia Guimarães: Afinal, 15 milhões de reais é só um trocado pra quem já foi mais rico que a rainha da Inglaterra – mesmo que só por uma noite.

Branca Vianna: Essa foi a Bia Guimarães, produtora sênior da Rádio Novelo.

Obrigada por ficar com a gente até o final de mais um Rádio Novelo Apresenta.

Toda semana, além de suar a camisa pra fazer um bom episódio pra vocês, a gente deixa um post no nosso site com algum conteúdo extra. Essa semana, dá pra se perder um pouco numa pequena seleção do material que o Vitor Hugo levantou na caça aos Ernestos.

Se você não segue a gente nas redes, eu já aviso que você está perdendo a chance de fazer parte de uma comunidade muito animada de ouvintes comentaristas.

A gente tá no Instagram e no Twitter, no arroba radionovelo.

E se você quiser mandar uma sugestão de pauta, você já sabe: é só ir no nosso site, no menu, onde tem "envie uma pauta". Lá tem explicado como são as histórias que a gente procura, e que você pode mandar pra: apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima e pela Denise Ribeiro. Nesse episódio, a gente usou música original de Luna França, e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais. O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.